

PROGRAMAÇÃO SEMANAL

Domingos	
09h30	EBD - Jovens (3º andar) Adultos (Templo) Doutrinas Básicas (2º andar)
10h30	Culto
19h	Culto
Segundas	
19h30	Ensaaios do coral
Terças	
19h30	Culto de oração
Quintas	
19h30	Culto

Conta corrente da Igreja - Bradesco, Ag. 279-8 C/C 125.005-1

seus pais, para que nascesse cego? Jesus respondeu: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus.

Mais uma vez, não espero que não cristãos compreendam a nossa esperança. Porém, quero encorajar os cristãos a se apegarem com fé à palavra de Deus e a agir de acordo com ela:

“16 Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. 17 Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; 18 Não atentando nós nas [coisas] que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem [são] eternas.”. (2Co 4.16-18)

Como cristãos, não abordamos o sofrimento destruindo a pessoa que sofre. Atacamos vírus para evitar surtos, eliminamos mosquitos, desenvolvemos vacinas, enviamos profissionais médicos e vamos nós mesmos; mas não matamos pequenos seres humanos. Confiamos que suas promessas de sustento (Fp 4.19) são verdadeiras e seus planos predeterminados (At 4.28) são perfeitos. Podemos responder de maneiras proativas e amorosas a famílias que sofrem com a microcefalia, bem como todas as outras deficiências, porque a nossa esperança está em Deus e não em nós mesmos.

Não acredite na mentira

Se você confessa a Cristo como Salvador e geralmente é pró-vida (contrário ao aborto), mas sente que o aborto nessas circunstâncias é razoável, você está acreditando em uma mentira. Peço-lhe que leia a totalidade das Escrituras e veja como Deus apresenta os propósitos do sofrimento e de todo tipo de dificuldades (ou leia, veja e ouça todos os recursos sobre “sofrimento” em desiringGod.org).

A relação do Zika vírus com a causa da microcefalia ainda não foi completamente entendida, mas é evidente que algo está acontecendo no Brasil. Oremos para que Deus conceda respostas e soluções e mostre como a igreja

CALENDÁRIO DO MÊS

1º Domingo	8:00h - Consagração Ministérios 17:00h - Reunião das Mulheres Ceia e oferta de alimentos nos 2 cultos
1ª Quinta	19:30h - Ceia e oferta de alimentos
Sábado 05	18:00h - Culto das mulheres
Domingo 13	17:00h - Reunião Geração Vida
Sábado 12	14:00h - Visita ao orfanato
Sábado 19	18:00h - Culto Jovem
Sábado 20	15:00h - Reunião de liderança 17:00h - Reunião do Evangelismo
Sábado 26	16:00h - Culto Infantil
Domingo 27	17:00h - Desperta Débora

pode se envolver. Algumas das crianças afetadas estão sendo entregues por seus pais ao governo brasileiro para adoção; talvez uma dessas crianças deva fazer parte da sua família!

E devemos atacar o argumento satânico de que pode ser “melhor” para a criança com microcefalia, e para a sua família, se ela for abortada. Devemos nos compadecer daqueles que pensam dessa forma, porque são incapazes de ver o extraordinário poder de Deus e estão a caminho de uma realidade eterna que é pior do que qualquer um de nós pode imaginar. Em vez disso, temos que orar e evangelizar, e nos envolver com aqueles que apoiam o aborto, para o próprio bem e alegria deles, e pela vida desses pequeninos vulneráveis e suas famílias.

Por: John Knight. © 2016 Desiring God.
Original: [Disability Does Not Justify Abortion: The Zika Virus Is No Excuse](#).

Tradução: João Paulo Aragão da Guia Oliveira.
Revisão: Vinicius Musselman pimentel. © 2016 Ministério Fiel. Todos os direitos reservados.
Website: MinisterioFiel.com.br. Original: [Deficiência não justifica o aborto, nem microcefalia! \(Zika vírus\)](#).

Permissões: Você está autorizado e incentivado a reproduzir e distribuir este material em qualquer formato, desde que informe o autor, seu ministério e o tradutor, não altere o conteúdo original e não o utilize para fins comerciais.

John Knight é diretor da Donor Partnerships no ministério Desiring God. É casado com Dianne e têm quatro filhos: Paul, Hannah, Daniel e Johnny. Paul possui **múltiplas deficiências**, incluindo **cegueira, autismo, deficiências cognitivas e convulsões**. John escreve sobre os temas da deficiência, a Bíblia e a igreja em The Works of God.



Aniversário de 17 anos!

Endereço: **Rua General Argolo, 60 - CEP 20921-393**
São Cristóvão - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: **3890-3867** - Fax: **2585-1227**
Web Site: <http://www.invsc.org.br>
email: invsc@invsc.org.br
Igreja filiada ao Conselho de Ministros das Igrejas de Nova Vida do Brasil
Pastor Presidente: **Mauricio Lopes Fortunato**

Boletim mensal

Marços / 2016

Ano XV — nº 177

Deficiência não justifica o aborto, nem Microcefalia! (Zika vírus) - John Knight.

Eu não espero que os não cristãos entendam por que os cristãos veem bebês não-nascidos como criações intrinsecamente valiosas do Deus vivo. Porém, eu gostaria que os defensores do aborto respondessem por que eles pensam que abortar crianças é uma resposta adequada a uma crise de saúde pública.

Os defensores do aborto estão se aproveitando do surto do vírus Zika para incentivar a liberalização das leis sobre aborto no Brasil. Isto é algo vergonhosamente prejudicial contra as crianças não-nascidas com deficiência, e não responde as verdadeiras questões de saúde pública.

De acordo com a [Ethics and Religious Liberty Commission](#) (ERLC – Comissão de Ética e Liberdade Religiosa), o Zika vírus infectou cerca de 1,5 milhões de brasileiros no ano passado. Ao mesmo tempo, um número preocupante de crianças locais nasceu com microcefalia, ou com a cabeça anormalmente pequena, o que pode levar a deficiências de desenvolvimento, entre outras. No dia primeiro de fevereiro, a dra. Margaret Chan, diretora-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), declarou:

“O recente conjunto de casos de microcefalia e outros distúrbios neurológicos relatados no Brasil, em sequência a um conjunto semelhante na Polinésia Francesa em 2014, constitui-se como uma emergência de saúde pública de interesse internacional”.

Os proponentes do aborto já estão usando o surto de Zika para defender mais abortos no Brasil e em outros países da América do Sul e Central. Um artigo do [New York Times](#) em 3 de fevereiro relatou que

“os crescentes relatórios médicos de bebês que nascem com cabeças anormalmente pequenas durante a epidemia de Zika no Brasil estão aquecendo um intenso debate sobre as leis de aborto do país, que consideram o procedimento ilegal na maioria das circunstâncias”.

A essência deste “intenso debate” é que é preferível que as crianças com deficiências relacionadas à microcefalia sejam abortadas, em vez de nascerem. **Seria melhor não terem nascido?**

Todos, mesmo aqueles a favor do aborto sem

restrições em qualquer fase da gestação, admitem que a decisão de abortar é algo sério. E a maioria das pessoas acredita que esta deve ser uma decisão bem informada. Assim, podemos supor que mais informações sobre a microcefalia seriam oferecidas, incluindo como ela afeta aqueles que possuem esta condição e suas famílias. O que é notável no artigo do New York Times (pela ausência) é que não há entrevistas com quem possui microcefalia nem com suas famílias, e nem são apresentados estudos de caso. O articulista ignora como as pessoas com deficiência reagem aos esforços para destruir nascituros semelhantes a eles.

Simplesmente presume-se que um diagnóstico de microcefalia é razão suficiente para destruir a criança no útero.

Por viver com um jovem que não tem microcefalia, mas tem graves deficiências de desenvolvimento, posso confirmar que é caro, e muitos dias são difíceis (mas também rimos muito na nossa família!). Ainda mais difícil, porém, é viver em um mundo em que muitas pessoas acreditam e agem segundo a crença de que pessoas como meu filho não deveriam ter nascido.

Viver em um mundo assim pode ser assustador. Mas eu tenho uma esperança maior: Deus. E foi Deus quem fez meu filho. Como o pastor John Piper observou em um [sermão sobre João 1](#):

“Onde quer que você vá neste planeta e veja uma pessoa viva, você está vendo uma imagem da realidade absoluta, da realidade última, da realidade original: o Verbo, que estava com Deus e era Deus, e era a Vida. Você nunca conheceu um ser humano comum. Isso não existe. Todos eles são extraordinários. Todos eles são incríveis”.

Somos todos portadores da imagem de Deus. Observe que o pastor John não modifica a sua declaração com “a não ser que eles tenham uma deficiência”. Ele teria blasfemamente errado se dissesse isso. Deus nos informa gentil e especificamente na sua Palavra que a deficiência também está sob a sua autoridade soberana (Ex 4.11; Jo 9.1-3).

Ex 4:11 E disse-lhe o SENHOR: Quem fez a boca do homem? ou quem fez o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o SENHOR?

Jo 9:1-3 **1** E, PASSANDO [Jesus], viu um homem cego de nascença. **2** E os seus discípulos lhe perguntaram, dizendo: Rabi, quem pecou, este ou

ANIVERSARIANTES DO MÊS

2 Jonas Moura	BODAS
4 Rosemaire Braga	12 Alessandra & Paulo
12 Robson Mattos	15 Ingrid & Pedro
13 Emanuel Deonilio	19 Maria & Ubirajara
13 Guilherme Souza	23 Rosimeire & Norivaldo
13 Kaleb Cipriano	24 Alessandra & Jair
14 INVSC	25 Nebia & Flávio
16 Jairo dos Anjos	
17 Agatha Tomazin	
22 Priscila da Silva	
22 Raquel dos Santos	
28 Jefferson Nascimento	
29 Paula dos Santos	
31 Maria Rabello	
31 Maria Marinho	

EBD ADULTOS

Nossa Escola Bíblica Dominical se reúne aos **domingos às 09:30h** para estudar e debater os ensinamentos bíblicos. Estudo atual:

Levítico
Se deseja se batizar, participe da turma de Batizando. Os Batismos são sempre no último domingo de cada mês e a turma de batizando começa no primeiro domingo. Para inscrever-se, procure o **Pr. Mauricio**.

Após o batismo, continue o estudo na turma de **Doutrinas Básicas** que funciona no mesmo horário no segundo andar. Para mais informações procure o **Pr. Manuel**.

EBD Jovens e Adolescentes

A Escola Bíblica Especial para **Jovens** acontece aos domingos a partir das 9:30h na sala da juventude no 3º andar.

Para **Adolescentes**, às 10:30h, na mesma sala, inicia-se a aula.

Ambas utilizam uma linguagem moderna, adequada à faixa etária e incentivam o debate.

FRASE DO MÊS

Só o silêncio pode conter a sabedoria quando a vida está em risco. Nos primeiros 30 segundos de tensão cometemos os maiores erros de nossas vidas, ferimos quem mais amamos.

Por isso, o silêncio é a oração dos sábios.

Augusto Cury

Reflexão

O mar de banalidade

Por que falamos tanto, se temos tão pouco a dizer?

A cena aconteceu dentro de um ônibus, durante um congestionamento daqueles que são frequentes em São Paulo. O rapaz ao meu lado sacou o celular e se pôs a conversar com a namorada. Era inevitável que eu ouvisse. Ele falou longamente sobre o trabalho, comentou sem pressa que era aniversário de um amigo dele, declarou repetidas vezes que ela – “amooorri” – era a pessoa mais importante da vida dele.

Quando eu achei que a ligação iria acabar, ele se pôs a discutir, em detalhes minuciosos, tudo que os dois iriam fazer dali a poucas horas, ou talvez minutos, quando se encontrassem. Falou que queria comer pipoca, mas disse que preferia frango frito. Falou da mãe dela, da casa dela, da família dela. Previu o que ela iria dizer para ele e o que ele responderia para ela. Disse que a coisa que mais queria, depois do frango, era casar com ela. Juro!

Falou, falou, falou até que eu me levantei, depois de mais de 45 minutos daquilo, e desci do ônibus lotado. Caminhei para casa por quase uma hora, feliz com o silêncio. Quando entrei em casa, segurei a minha mulher pelos ombros e disse, convicto até a medula: “Você agradeça todos os dias por estar comigo, e não com um chato carente que não consegue calar a boca.” Podem me chamar de chato, insensível e ranheta, mas a conversa do rapaz no ônibus deixou claro, para mim, algo que anda pululando ao nosso redor de um modo exasperante: a banalidade do bem. Do “meu bem”. Talvez por influência das companhias telefônicas e de seus planos que permitem conversas ilimitadas, as pessoas perderam a noção. Falam superficialidades umas às outras o tempo inteiro. Têm os melhores sentimentos, mas nenhum limite e nenhum conteúdo. Sobretudo os casais.

Aquilo que os ingleses patentearam mundialmente como “small talk” – a conversinha boba sobre o tempo, que se tem com o vizinho no elevador ou com o estranho no trem de metrô – foi ampliada, turbinada e agigantada. Penetrou as relações mais íntimas. Os temas de conversa entre pessoas que se relacionam (amigos, namorados, colegas), passaram do cotidiano ao trivial e daí, rapidamente, despencaram para o banal mais rasteiro. As pessoas se viciaram na partilha incessante de irrelevâncias. Passam o tempo trocando bobagens que antes não se diziam. Há uma inflação de palavras e tempo que por baixo dela haja escassez de compreensão.

Estou sendo muito chato? Talvez, mas me parece que as pessoas perderam o sentido do silêncio. Ele deveria dominar a nossa vida. Devido à nossa natureza física, do cérebro unitário e impartilhável que cada um de nós carrega, estamos fadados a ficar em nossa companhia o tempo inteiro. Isso é bom, estávamos acostumados, mas, de alguma forma, parece que perdemos o jeito. Agora temos de falar o tempo todo para espantar o convívio com o silêncio interior.

Em vez de ficar quieto no ônibus, pensando, o rapaz puxa o telefone e chama a namorada – ainda que não tenha nada remotamente importante a dizer. Talvez ele pudesse ler, talvez pudesse escutar música, quem sabe descobrisse algo novo sobre a cidade e seus moradores observando a rua pela janela ou a diversidade humana no interior do ônibus. Mas não. Ele prefere falar, como todo mundo parece estar preferindo. Jovens e velhos, homens e mulheres, ricos e pobres. Somos uma sociedade de faladores compulsivos que – misteriosamente, mas nem tanto – não se entendem.

Como eu já disse, acho que parte importante da culpa por isso tudo é da tecnologia. O telefone celular e a internet – as redes sociais, que a gente agora carrega no bolso – parecem ter despertado uma monstruosa fraqueza humana. Somos socializadores compulsivos. Diante da possibilidade de falar, espisar a vida do outro, se exibir ou fofocar, não resistimos. Deve estar em nosso DNA, escrito nos genes da nossa constituição mais essencial. Há um vazio dentro de nós que só assim conseguimos preencher. É o medo de estar sós, isolados, longe do calor do grupo. Nós nos sentimos assim nas grandes cidades, e por isso falamos tanto, telefonamos tanto, twitamos tanto, lemos e atualizamos o Facebook o tempo todo: é a nossa forma de esticar a mão e tentar alcançar o outro. Pela palavra, tentamos acalmar o bicho assustado dentro de nós.

Apesar disso – ou por causa disso – o silêncio faz falta. Precisamos dele para ouvir os nossos pensamentos. Precisamos dele para pesar o valor das palavras, ou das músicas, ou dos filmes, ou da internet: cada uma dessas coisas vale mais ou menos que o silêncio precioso? Vale a pena rompê-lo neste momento para dizer o pouco que eu tenho a dizer? Essa pergunta, que parece esdrúxula, é fundamental ao convívio. Antes de passar uma hora ao telefone tentando suprir nossa insaciável carência, seria preciso se perguntar: vale a pena? Sim, por que há coisas a ganhar ficando quieto.

A introspecção precede a compreensão, o entendimento das coisas. O fluxo incoerente de pensamento que nos habita ganha uma forma quando falamos, mas falar significa suprimir as outras formas de manifestação da mente. Enquanto o fluxo de pensamento está lá, em estado bruto, agitado e disforme, mas em silêncio, muita coisa se processa, de forma mais ou menos inconsciente. No silêncio encontramos respostas, soluções, inspirações, ideias. Mesmo sem perceber. Na troca incessante de palavras achamos apenas redundância.

Isso não é diferente para os casais. No interior dos relacionamentos tecemos um ninho aconchegante de palavras e hábitos. As mesmas conversas, os mesmos temas, as mesmas brincadeiras e carinhos. Isso tudo é bom, mas tem limites. Dentro de um casal ainda precisamos de espaço, tempo e silêncio. As conversas, além de indicarem aconchego emocional e cumplicidade, deveriam ter significado. Eu sei, eu pensei, eu descobri – então eu divido. Eu sinto, eu percebo, eu temo – então eu falo. Nos intervalos entre essas coisas, o silêncio. Cheio de amor, cheio de desejo, cheio de carinho. Partilhado e curtido. Silêncio oposto da palavra inútil e vazia, da palavra banal.

Ou então nós todos pegamos os celulares e falamos até explodir, que nem cigarras.

IVAN MARTINS

É editor-executivo de ÉPOCA